

# MENINAS GUERREIRAS: NARRATIVAS SOBRE A INFÂNCIA FEMININA EM KIUSAM DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

Marcio Jean Fialho de Sousa

Viviane de Jesus Barbosa

**Resumo:** Escrito por Kiusam de Oliveira<sup>2</sup> e ilustrado por Josias Marinho<sup>3</sup>, *Omo Oba: histórias de princesas*<sup>4</sup> está imbuído de reconfigurar o imaginário das princesas comumente narradas, apresentando a cosmovisão iorubá, que reforça os diferentes modos de ser em relação ao feminino. Este trabalho tem como objetivo analisar os recursos simbólico-discursivos utilizados por Kiusam de Oliveira e por Josias Marinho, na composição do livro *Omo Oba: histórias de princesas*, como mecanismo de empoderamento para meninas, especialmente meninas negras. Embora o livro em questão seja composto por seis contos, neste trabalho, analisaremos apenas dois: “Oiá e búfalo interior” e “Oduduá e a briga pelos anéis”. As narrativas escolhidas trazem elementos que reforçam características capazes de elevar a autoestima de meninas negras, pois amparam-se em discursos de valorização da intersecção entre raça e gênero.

**Palavras-chave:** Guerreiras. Feminismo. Antirracismo. Empoderamento.

**Abstract:** Written by Kiusam de Oliveira and illustrated by Josias Marinho, *Omo Oba: histórias de princesas* is imbued to reconfigure the imaginary of princesses commonly narrated, presenting the Yoruba worldview, which reinforces the different ways of being in relation to the feminine. This paper aims to analyze the symbolic-

---

1 Título em língua estrangeira: “Warrior girls: narratives about female childhood in Kiusam de Oliveira”.

2 Professora na Universidade Federal do Espírito Santo, na disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais. Doutora em Educação e Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Pedagoga habilitada em Orientação Educacional, Administração Escolar e Deficiência Intelectual. Escritora. Artista multimídia. Arte-educadora. Bailarina e coreógrafa. Contadora de histórias da cosmovisão afro-brasileira.

3 Professor efetivo de Artes Visuais no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima - CAP/UFR. Doutorando no Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG)

4 O livro *Omo-oba: histórias de princesas* (2009), é o primeiro e mais premiado livro de Kiusam de Oliveira: recebendo o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

discursive resources used by Kiusam de Oliveira and Josias Marinho, in the composition of the book *Omo Oba: histórias de princesas*, as a mechanism of empowerment for girls, especially black girls. Although the book in question is composed of six stories, in this paper we will analyze only two: “Oiá e búfalo interior” and “Oduduá e a briga pelos anéis”. The chosen narratives bring elements that reinforce characteristics capable of raising the self-esteem of black girls, because they are supported by speeches of valorization of the intersection between race and gender.

**Keywords:** Warriors. Feminism. Anti-racism. Empowerment.

## Introdução

*A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas  
Age como um deus doente, mas como um deus.  
Porque embora afirme que existe o que não existe,  
Sabe como é que as coisas existem, que é existindo,  
Sabe que existir existe e não se explica,  
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,  
Sabe que ser é estar em um ponto.  
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.  
Alberto Caeiro<sup>5</sup>*

Essa epígrafe de Alberto Caeiro apresenta algo muito interessante para se pensar o papel da literatura na formação da identidade desde a mais tenra juventude. A literatura que se oferece às crianças precisa refletir a identidade de uma comunidade, de um povo e/ou nação. A criança que pensa em fadas e na sua existência, crê soberanamente, pois seu mundo é completo mesmo diante de suas limitações. É perfeito até que se cresça, mas as adversidades da vida não a poupa.

---

5 PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 239, 1990.

Por isso o desenvolvimento do imaginário precisa dialogar com os desafios da meninice por meio de um exercício contínuo de alteridade. Conforme endossa José Nicolau Gregorin Filho, “os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas” (GREGORIN FILHO, 2009, p. 15).

Por outro lado, um olhar crítico precisa estar focado aos livros infantis no momento da escolha de um exemplar a ser oferecido para a leituras das crianças, já que se observa que o cânone literário foi construído à luz de uma visão hegemônica que não dialoga com os diversos grupos etnicorraciais que compõem a sociedade brasileira, na medida em que “os valores sociais dos segmentos subordinados na sociedade são omitidos ou distorcidos e, especificamente em relação ao negro, aparecem ‘folclorizados’” (SILVA, 2004, p. 38). Além do mais, alicerçados numa lógica patriarcal, endossam valores sexistas. Os contos de fadas, por exemplo, apresentados às crianças nas escolas, reforçam os papéis de gêneros que reproduzem a subalternidade feminina, em que

a princesa passa a ser a representação de um prêmio, o objeto a ser recebido pelo homem forte e corajoso que vê, em sua prenda, o protótipo da fragilidade uma vez que, ela não

poderia se desprender das garras do mal. Sendo assim, as questões da subordinação da mulher ao homem, conforme a ideologia patriarcal, podem ser vislumbradas nos contos de fadas que primarão por traçar estereótipos que reforcem não só a submissão feminina, mas também o padrão de beleza ideal. (BATISTA, 2011, p. 95)

Em *Émile ou de l'éducation* (1762), tratado de pedagogia, Rousseau prescreve o papel esperado para a mulher, somente com deveres, mas sem direitos. Em posição vicária ao homem, a mulher é reduzida à timidez, à modéstia, à fraqueza, para que o homem se torne forte. E no caso de meninas negras, as narrativas clássicas de princesas contribuem para o sentimento de dupla subalternidade, pelo gênero e pela etnia. Dessa forma, o impacto simultâneo da opressão de gênero e de raça leva a formas exclusivas de racismo que compõem experiências de mulheres negras (KILOMBA, 2019).

Por isso,

precisamos forjar novas linguagens e métodos que substituam a colonização, a alienação, a opressão racial, o primitivismo, o afro-pessimismo, a francofonia, o tribalismo, o nacionalismo tacanho, a desconstrução e outras abordagens pós estruturalistas de África e da diáspora negra. (DIAWARA apud AZEVEDO, 1988, p. 187)

O autor deixa entrever que há uma necessidade de colocar em pauta outras histórias e memórias e isso pode ser feito através da Literatura Negro-Brasileira do Encantamento.

Kiusam de Oliveira, assim como diversas outras autoras negras, vem construindo e forjando essas outras linguagens:

Entendo, portanto, que a literatura que tenho produzido é uma Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil, pois tenho sido capaz de ver, ao longo desses onze anos publicando livros, o poder das palavras que encantam, possibilitando, assim, que as crianças, jovens e adultos reencantem seus próprios corpos, cotidianamente machucados, violentados pela opressão de cunho racista. (OLIVEIRA, 2020, p. 13)

Numa intersecção de gênero e raça, Kiusam de Oliveira, cria, por meio da Literatura Negro-Brasileira do Encantamento, uma narrativa que potencializa valores capazes de estimular a afirmação da identidade em meninas negras. Refutando o modelo da literatura canônica, Kiusam de Oliveira inaugura um estilo literário singular, pois, essa Literatura, “está ligada às infâncias, às crianças que precisam se encantar pelos próprios corpos negros apesar de se sociabilizarem em contextos violentos e racistas” (OLIVEIRA, 2018, p. 10).

Nesse sentido, a questão central deste estudo é compreender o livro *Omo-Oba: histórias de princesas*,

produzido como narrativas de empoderamento, contribuindo na formação positiva das identidades de meninas negras, em contraponto à ideologia contida tradicionalmente na literatura infantil, baseada numa visão racista e patriarcal, tal como a sociedade brasileira é estruturada, que ancoram-se na ideologia da opressão e inferiorização, no mito da democracia racial e na ideologia do branqueamento.

### **Oiá e o búfalo interior**

“Oiá e o búfalo interior” é o primeiro conto do livro e narra a história de Oiá que, além de ter “atributos como a beleza, a graça, a rapidez, a determinação e a genialidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 9), podia transformar-se em animais, sendo o búfalo seu animal preferido, que jamais foi domesticado, pressupondo assim, uma recusa ao silenciamento e à subserviência. Vale ressaltar que, na cosmovisão iorubá, Oiá, também conhecida como Iansã, é a divindade das tempestades e dos ventos, e é uma “obstinada guerreira” (AZORLI, 2016, p. 29). Da mesma forma, Oiá criança, personagem principal da narrativa, é descrita como uma menina guerreira, muito conhecida por sua determinação.

A descrição de Oiá rompe com o papel esperado para meninas, que, por meio das narrativas tradicionais são

condicionadas ao espaço privado, em detrimento dos homens que ocupam a esfera pública. As esferas do público e do privado ampararam-se na questão do poder e refletem a relação entre os sexos, em suas divisões de papéis, de tarefas e de espaços. Em *Du Contrat social* (1762), no capítulo II, Des premières sociétés, Rousseau, logo no início, vai dizer: “la plus ancienne de toutes les sociétés et la seule naturelle est celle de la famille” (2011, p. 10), colocando em estado natural, isto é, anterior ao civil, aqueles que gravitam em torno deste, como a mulher e os filhos menores.

Neste sentido, a própria engrenagem de representação, concretizada no espaço público, em contraposição ao privado, está impossibilitada de atender a todos, instaurando-se assim a alienação àqueles que não são capazes de intervir na ordem social, como ocorre com qualquer grupo minoritário e, em especial, com a mulher. Todavia, ao possuir características como a rapidez, a genialidade e a determinação, Oíá inverte essa lógica se tornando dona de si e de seu destino desde criança, legitimando-se enquanto uma guerreira destemida e respeitada por todos.

*Ogum* era um grande amigo de *Oíá* e se encontravam com frequência para lutar, ambos utilizando ferramentas

de suas preferências: “Oiá com sua adaga e Ogum com sua espada” (OLIVEIRA, 2009, p. 12). O ato de lutar, atribuído à personagem feminina Oiá, ignora os padrões do patriarcado “sistema de relações sociais que garantem a subordinação da mulher ao homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 16) e instaura a equidade de ambos os sexos, considerando que Oiá, assim como Ogum, usufrui da liberdade de acessar a esfera pública, não se limitando a tarefas repetitivas como gerar filhos, cuidar deles e da casa, ou simplesmente esperar durante anos, presa em uma torre, por um homem que a viesse salvá-la, como geralmente é constituído nos contos de fadas europeus.

Transformar-se em animais era um segredo e nem mesmo Ogum, seu amigo, sabia. Um dia, ao segui-la, Ogum finalmente descobriu e então entendeu qual era o segredo de “força, de determinação, de beleza e de graça” (OLIVEIRA, 2009, p. 15), o qual Oiá possuía. Questionada sobre o seu segredo, a menina Oiá responde:

Toda menina, toda mocinha e toda mulher tem dentro de si a força e o poder de um animal selvagem sagrado que, em certos momentos, devem ser colocados para fora, devem explodir para o universo com a mensagem de que fazemos parte de tudo isto. Quando colocamos essa força para fora, muitos meninos e meninas, mocinhos



e mocinhas, homens e mulheres não compreendem e, por isso, devemos mantê-la em segredo. (OLIVEIRA, 2009, p. 15)

Oiá, com toda sua genialidade, expressa uma mensagem de empoderamento a todas as meninas, ao afirmar que todas possuem uma força dentro de si e que essa força e poder devem ser colocados para fora. A menina Oiá sugere que sejamos todas insubmissas e nos expressemos independente da rejeição daqueles que não compreendem o poder feminino. Do mesmo modo, Adichie (2015, p. 28) observa que “perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas” Ao deixar Ogum vê-la transformando-se em búfalo, Oiá ignora o ensinamento que induz à submissão e ao silenciamento feminino, incentivando uma infância livre da repressão cunhada nos papéis de gênero.

### **Oduduá e a briga pelos anéis**

O conto “Oduduá e a briga pelos anéis” se encarrega de narrar a separação entre o Céu e a Terra, através de um conflito entre Oduduá e Obatalá. É pertinente ressaltar que, na cosmovisão iorubá, Oduduá representa a divinização da terra, e ao lado de Obatalá, são os propulsores da criação. Na narrativa, Oduduá possui “atributos como a rapidez e a determinação” (OLIVEIRA, 2009, p. 43), e como guerreira

estava sempre em busca do que desejava: habitar sua cabaça para sempre e possuir os sete anéis.

Oduduá “não gostava de se enfeitar” (OLIVEIRA, 2009, p. 43), recusando-se a aceitar a imposição que cabe ao gênero feminino, sempre atribuído à beleza e à vaidade, escolhendo sempre lutar, de forma igualitária pelos seus objetivos.

Condicionados a viver dentro de uma pequena cabaça por toda a eternidade, todas as noites, antes de dormir, Obatalá ordenava que Oduduá dormisse sob ele:

- Princesa Oduduá, ordeno que você durma novamente embaixo de mim – exclamava Obatalá.
- Príncipe Obatalá, eu ordeno que você pare de ordenar. Temos que chegar a uma decisão comum – retrucava a princesa Oduduá. (OLIVEIRA, 2009, p. 44)

Oduduá denuncia e se opõe à dominação do homem sobre a mulher, que muitas vezes, justificado através de uma ótica biológica, perpetua a subordinação estabelecida nas relações sociais:

O domínio do homem e a subordinação da mulher não se baseiam, portanto unicamente em diferenças biológicas, mas se estabelecem através de relação sociais, e é através dessas relações sociais que a diferença biológica aparece como diferença humana. Esta configuração social da diferença e da contradição homem/

mulher adquiriu uma relativa autonomia, e se reproduziu durante tanto tempo em circunstâncias tão diversas, que aparece como um dado “natural”. (ALAMBERT, 1986, p. 119)

Da mesma forma, Adichie (2015), afirma que a dominação masculina se baseia na insegurança que sentem, pois, sob o prisma do patriarcado, o homem detém “naturalmente” poder sobre a mulher. Por isso, mesmo Oduduá se opondo à decisão autoritária de Obatalá, não era suficiente para que ele mudasse de ideia.

Um dia, os dois ganharam, de um parente próximo sete anéis de ouro e Obatalá, utilizando mais uma vez o instrumento violento de dominação a Oduduá, disse: “- Quem dormir em cima fica com quatro anéis nos dedos; quem dormir embaixo fica com três anéis nos dedos. Eu ordeno que, novamente, eu durma em cima, porque eu sou a pessoa certa para ser o Senhor dos Anéis” (OLIVEIRA, 2009, p. 45).

Obatalá ampara-se no poder do macho, que “está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos” (SAFFIOTI, 1987, p. 16), para afirmar que, diferente de Oduduá, é a pessoa certa para ser o Senhor dos Anéis, porque, sob o prisma do patriarcado, os homens dominam e as mulheres são dominadas, através de valores ensinados desde a infância.

Todavia, é pertinente ressaltar que, Oduduá não aceita passivamente a dominação de Obatalá: “- Príncipe Obatalá, eu não aceito mais esta imposição sobre mim. Não é porque você é homem que deve ter sua vontade atendida. Sou mulher e tenho meus direitos do mesmo jeito que você os tem” (OLIVEIRA, 2009, p. 45).

Embora a sociedade delimite com precisão “os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 8), Oduduá opta torna-se dona de suas próprias escolhas e, através de um conflito com Obatalá, tornam-se senhora e senhor da terra e do céu, respectivamente. Além disso, Oduduá contraria a ideia de que para ser feliz é preciso conquistar o homem e resolve confrontá-lo para alcançar sua felicidade.

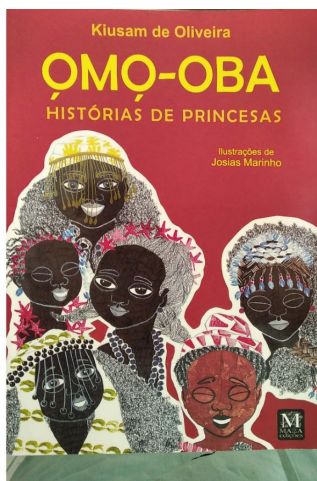
### **Imagens e representações das princesas na infância**

Considerado que o ser humano “utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir” (JUNG, 2008, p. 20), a literatura infantil não é composta apenas pela linguagem verbal, a linguagem não verbal tem igual importância na construção de elementos pontuais, descritivos, narrativos, simbólicos, dialógicos, estéticos, lúdicos e imersivos (GREGORIM FILHO, 2009), porque a

imagem constrói uma narrativa ou mesmo contribui com a narrativa verbal.

Indubitavelmente, a ilustração é um artifício utilizado não só para a atenção das crianças, mas também para ampliar, adicionar e até mesmo questionar informações do texto verbal, estabelecendo assim um diálogo semiótico entre os textos, paratextos e intertextos, afinal, não há valor na habilidade de ler quando o que se aprendeu a ler não possibilita nenhum acréscimo à vida de quem leu (BETTELHEIM, 1980). Desse modo, considera-se que a leitura de imagens antecede a leitura de palavras, e muitas crianças têm contato com as histórias através das imagens. Isso é completamente relevante ao se tratar da literatura infantil.

Figura 1 – *Omo-Oba* (capa)



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas*; ilustrações Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

A ilustração de Josias Marinho em *Omo-Oba* se encarrega de, junto com a linguagem verbal, narrar as histórias, promovendo assim uma intersemiose, considerando que

[...] a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que a este título se distingue do mundo real e que propõe, por meio de signos particulares, uma representação escolhida e forçosamente orientada; distinguir os principais instrumentos desta linguagem e o que significa a sua presença ou a sua ausência; relativizar a sua própria interpretação, embora sempre compreendendo os seus fundamentos – são algumas das muitas provas de liberdade intelectual que a análise pedagógica pode implicar. (JOLY, 2007, p. 53)

Ao eleger tais elementos imagéticos na composição da capa de *Omo-Oba*, Josias Marinho, reforça o imaginário, isto é “[...] representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o ‘verdadeiro’ e o aparente se mesclam” (PESAVENTO, 1995, p. 24) de princesas negras. As características físicas das princesas rompem com a ideologia da inferiorização que “objetiva a destruição da identidade, da autoestima e do reconhecimento de valores e potencialidades” (SILVA, 2004, p. 31), e valoriza a beleza de meninas negras através dos cabelos, adereços e sorrisos. É possível observar que, embora estejam diretamente ligadas entre si, as princesas expressam suas diferenças e

peculiaridades: cada uma arruma seu cabelo ao seu modo, umas utilizam adereços e outras não. Cada uma das seis princesas descritas nas narrativas possui seus atributos únicos e sua forma de estar no mundo.

Em consonância com o plano verbal da narrativa, os elementos visuais se inserem a fim de descrever a beleza da linda princesa menina Oiá, desvinculando-a do ideal de princesa branco europeu, porque “[...] são apresentadas a padrões de beleza branca diariamente e são ensinadas desde a infância que, para serem bem sucedidas e amadas, elas devem recriar-se na estética de beleza branca dominante” (OLSON, 2006, p. 50).

Figura 2: A descrição de Oiá



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas*; ilustrações Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

Os adereços da cultura iourubá (*adê, erukerê*), os pés descalços, a simplicidade e o largo sorriso no rosto da princesa, redesenham a construção imagética de princesa, abrindo possibilidades para criação de representações capazes de empoderar meninas negras, uma vez que tradicionalmente “as ilustrações representam homens, mulheres e crianças louras e de olhos azuis” (SILVA, 2004, p. 37).

A descrição da princesa Oiá pode ser interpretada como uma transgressão do imaginário de princesas comumente narradas, sugerindo uma infância livre dos papéis determinados pelo gênero, com a pretensa lógica de que meninas precisam ser comportadas. Oiá não está trancafiada em seu castelo, numa torre ou impossibilitada de acessar a esfera pública. Está com os pés descalços, correndo livremente a rodopiar com o vento, conforme é representada na figura 3:



Figura 3 – Oiá e o vento



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas*; ilustrações Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

Figura 4 – Oduduá e Obatalá



Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas*; ilustrações Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

A separação entre a terra de Oduduá e o céu de Obatalá compõe a última ilustração do livro. Nela, é importante ressaltar a conciliação entre eles e o que essa união representa:

[...] tal igualdade diz respeito a homens e mulheres, pois será libertadora para todos: meninas poderão assumir sua identidade, ignorando a expectativa alheia, mas também os meninos poderão crescer livres, sem ter que se enquadrar em estereótipos de masculinidade. (ADICHIE, 2017, p. 35)

Os planos verbais e visuais se fundem com a finalidade de compor a literatura infantil. A função das ilustrações na literatura infantil potencializa a leitura do texto e ajuda na construção de elementos simbólicos para o processo de formação de identidade das crianças, pois

a palavra (na maioria das vezes é um trecho de diálogo) e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmentos de um sintagma mais geral, assim como as imagens e a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese. (BARTHES, 1990, p. 34)

Ao produzir as ilustrações de Omo-Oba, Josias Marinho tem consciência de que “no seu percurso de aquisição do discurso, é justamente a convergência da ilustração, do texto e do projeto gráfico que constrói a unidade e os sentidos da obra de literatura infantil” (TURCHI, 2002, p. 27).

## Algumas considerações

A Literatura Negro-Brasileira do Encantamento produzida por Kiusam de Oliveira, em especial *Omo-Oba: histórias de princesas* é uma alternativa de enfrentamento ao racismo e de valorização das estéticas, das culturas, das memórias, das histórias e das identidades da África e da diáspora negra, para uma formação antirracista e antissexista, pois a escola, muitas vezes, se apresenta como um espaço de reprodução da violência racial e do patriarcado, estruturados na sociedade brasileira.

De acordo com Carlos Moore, “Nada é mais importante para uma criança que um conto que a insira no mundo dos humanos, dos animais e das coisas. Essa inserção faz-se por meio do apelo à sua imaginação” (2015, p. 6). Entretanto, no caso de crianças negras, essa inserção pode ser comprometida, pois, muitas vezes,

[...] seus sonhos são perturbados por pesadelos recorrentes, agressivos e demolidores: a realidade ambiente, que as agride, as rechaça e as apaga no mundo real pelo viés de insultos, risos sarcásticos e até agressões físicas por parte daqueles com os quais deveriam compartilhar um imaginário prazeroso – seus pares, ou ainda, daqueles que deveriam ser os substitutos de seus pais, os professores. (MOORE, 2015, p. 6)

A escola deve ser capaz de atuar no processo de rompimento com uma literatura que reproduz a estrutura de uma sociedade racista e patriarcal, ajudando a constituir uma sociedade que respeita a diversidade. No entanto, muitos professores ancoram-se numa prática de incentivo à leitura que visa perpetuar identidades hegemônicas, desconsiderando que o ensino de Literatura fornece a possibilidade para que o texto literário contribua no processo de formação das identidades. Do mesmo modo, Evaristo (2007, p.7) ressalta que, a Literatura é “um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, torna-se um *locus* propício para a enunciação ou para o apagamento das identidades”.

*Omo-Oba: histórias de princesas* institui-se no cenário literário como um convite às meninas negras, valorizando suas características e rompendo com o papel esperado para princesas, geralmente retratadas em posição de subalternidade em relação ao gênero oposto. Desse modo, as narrativas de Kiusam de Oliveira criam uma representação da infância que visam desvincular-se das violências de gênero e de raça, proporcionando histórias capazes de elevar a autoestima de meninas negras, que podem lutar, correr, transformar-se em animais, criar o universo, sem deixar de valorizar suas características físicas.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALAMBERT, Zuleika. *Feminismo: o ponto de vista marxista*. São Paulo: Nobel, 1986.
- AZORLI, Diego Fernando Rodrigues. *Ecoss da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis - SP, 2016.
- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 27-43, 1990.
- BATISTA, Edilene Ribeiro. *A Cinderela sob a perspectiva de gênero*. v. 13, 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil – Múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- JOLY, Marine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. *Homem e seus Símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- MOORE, Carlos. Prefácio. In: OLIVEIRA, Kiusam de. *O mar que banha a Ilha de Goré*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2014.
- OLIVEIRA, Kiusam de. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. *Feira Literária Brasil - África de Vitória-ES*, v. 1 n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/29029>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas*. Ilustrações de Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

OLSON, D. C. Beauty. In: BEAULIEU, E. A. (Ed.). *Writing african american women: an encyclopedia of literature by and about women of color*. Westport: Greenwood Press, 2006.

PESAVENTO, Sandra J. Representações. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/ Contexto, v. 15, n. 29, 1995.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.

ROUSSEAU, J-J (1762). *Émile ou de l'éducation*. Paris: Flammarion, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Ana Célia. *A discriminação do negro no livro didático*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

TURCHI, Maria Zavia; SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura Infanto-Juvenil: leituras críticas*. Goiânia: Editora UFG, 2002.

### **Marcio Jean Fialho de Sousa**

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Pós-doutorado em Estudos da Linguagem pela PUC-SP (2017), e Pós-doutorado em Estudos Literários pela Unimontes (2019).

Coordenador do Grupo de Pesquisa Teolinda Gersão e do Grupo de Leitura no Museu (UNIMONTES)

E-mail: [doutormarciojean@gmail.com](mailto:doutormarciojean@gmail.com)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8382354881890616>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8512-574X>

### **Viviane de Jesus Barbosa**

Mestranda em Letras/ Estudos Literários pela UNIMONTES.

Professora na Escola Técnica em Agroecologia Luana Carvalho.

E-mail: [vivianebarbosa243@gmail.com](mailto:vivianebarbosa243@gmail.com)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6407781061382151>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7434-0460>